

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

Publicado desde 1921

Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Diretor de Redação: Otavio Frias Filho

Conselho Editorial: Boris Casoy, Luiz Alberto Bahia, Rogério César de Cerqueira Leite, Osvaldo Perálva, Marcelo Coelho, Roberto Macedo, Carlos Alberto Longo e Otavio Frias Filho (secretário)

ANC

O caminho dos miseráveis

O presidente do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães, mais uma vez deu mostras de conciliar mal as várias faces de sua imagem pública. O árbitro austero e respeitado dos trabalhos constitucionais é a mesma figura que, num exercício retórico de péssimo gosto, vem caracterizar o texto aprovado como uma “Constituição andarilha, que irá para a periferia, para o caminho dos miseráveis.” A imaginação de Ulysses, por certo igualmente “andarilha”, novamente o conduziu ao lugar onde costuma sentir-se mais à vontade: o palanque eleitoral.

Nesse aspecto, o texto que Ulysses brandiu em seu triunfo emocional-populista não deixa de ser adequado. Derrama-se em promessas delirantes —como, para citar um único exemplo, a de extinguir o analfabetismo em dez anos. Obedece à praxe demagógica de distribuir benefícios sem cuidar das possibilidades de que venham a ser de fato financiados. Segue o modelo cartorialista, estatizante e antieconômico tão ao gosto dos demagogos brasileiros —sejam de esquerda ou de direita— aos quais Ulysses Guimarães, com a autoridade que lhe cabe neste assunto, vem prestar uma veemente e auto-referida chancela.

Populismo à parte, talvez a frase de Ulysses Guimarães possa ser entendida como correta. Não pelo surrealismo de considerar “andarilha” o texto constitucional, mas por revelar, involuntariamente, o sentido de muitas das reformas ali propostas. Sem dúvida, elas se

orientam “para a periferia, para o caminho dos miseráveis”: pois, na verdade, para lá é que se arrisca a ir o país inteiro, ameaçado de retrocesso econômico com a defesa de reservas de mercado, com a discriminação ao capital estrangeiro, com a exigência de nacionalização das empresas mineradoras, com o tabelamento dos juros bancários. Os exageros da xenofobia e da intervenção estatal são, com efeito, um dos pontos em que o terceiro-mundismo, o elogio à estagnação e o encanto pela periferia fazem o texto aprovado corresponder perfeitamente à oratória empregada por Ulysses Guimarães.

Quanto a algumas outras medidas do texto, deve-se reconhecer que o caminho dos miseráveis, para Ulysses Guimarães, é mais tortuoso do que poderia imaginar o senso comum dos cidadãos: passa pelos pequenos empresários anistiados em suas dívidas —a quem o conjunto dos assalariados deverá financiar—, pelos servidores públicos que obtiveram a estabilidade com o “supertrem” da alegria, pelo lobby das mineradoras nacionais, pelos proprietários de cartórios ou por Ronaldo Caiado. Talvez esta consideração sirva, aliás, para esclarecer o ponto mais incompreensível do discurso de Ulysses: o de que a nova Constituição é um “texto andarilha”. De fato, mostra-se capaz de ir pelos desvios mais surpreendentes. Afinal, como dizia o presidente do PMDB, “navegar é preciso”. E, se o caso é de naufrágio, a alternativa acaba sendo a de comover-se com deambulações mais terrestres e rasteiras.